



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB – CURSO DE PINTURA

Daniel Cesar Isaias da Silva

**Racismo Ambiental:
Política genocida e anulação do ecossistema.**

Rio de Janeiro
2022

Ficha Catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

C579r Cesar Isaias , Daniel da Silva
Racismo ambiental: política genocida e anulação do
ecossistema. / Daniel da Silva Cesar Isaias . --
Rio de Janeiro, 2022.
52 f.

Orientador: Julio Sekiguchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Pintura. 2. Racismo Ambiental. 3. Anulação do
Ecossistema. 4. Política Genocida. 5. Guerra às
Drogas. I. Sekiguchi, Julio, orient. II. Título.

Daniel Cesar Isaias da Silva
DRE:109077801

Racismo Ambiental:
Política genocida e anulação do ecossistema.

Monografia apresentada
como pré-requisito
para conclusão do curso de Pintura
da Escola de Belas Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Julio Ferreira Sekiguchi

Rio de Janeiro
2022

Daniel Cesar Isaias da Silva
109077801

Racismo Ambiental:
Política genocida e anulação do ecossistema.

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:

Julio Ferreira Sekiguchi. Doutor. EBA/UFRJ

Ricardo Pereira. Doutor. EBA/UFRJ

Lourdes Barreto. Mestre. EBA/UFRJ

Aos meus familiares, excepcionalmente ao meu filho
Ébano, minha mãe Ana Catarina, meu irmão Vitor e
todos amigos e pessoas que me incentivaram.
A todas as comunidades indígenas, quilombolas,
caiçaras, aos bairros operários e favelas do Rio de
Janeiro.

Agradecimentos

Agradeço ao universo pela terra, pela água, pelo alimento, pelo ar, pela suposta liberdade e por me dar capacidade de chegar até aqui e seguir adiante.

Aos professores da UFRJ que tentaram me travar, mas especialmente aos professores que me impulsionaram a concluir a jornada.

Ao meu amigo Ravengard Veloso (1963-2020) e ao pré-vestibular da Vila Kennedy.

Onde estiver, seja lá como for,
tenha fé porque até no lixão
nasce flor.

Racionais Mc's

Resumo

Tendo a arte como espelho da denúncia, apresento pinturas com questões étnicas e socioambientais. O processo investigativo e pictórico inicia-se verificando conflitos urbanos na cidade do Rio de Janeiro. Remoções forçadas, violência do Estado e a “guerra às drogas”. Em 2018, através de Ravengar Veloso (1963-2020) do MUDA/UFRJ e MUDA/VK, passei a participar da rede de agroecologia da UFRJ. Enxergando que agroecologia vem do saber das comunidades tradicionais, passei a analisar conflitos dos povos tradicionais que são empurrados para as zonas urbanas. Assinando como Daniel Gusf, mostro pinturas com uma linguagem direta, simplificação dos traços, cor na linha, apresentação de texturas, exclusão de detalhes e cores sem condizer com a figura real. Repetindo com maior frequência materiais como: massa acrílica, tinta acrílica, tinta óleo e aquarela em suportes de madeira, lona crua e papel. Utilizando somente cores primárias, secundárias e complementares. Tendo como referência pictórica os artistas Henri Matisse e Diego Rivera, cito problemas de injustiça ambiental gerados por motivo racial e pela euforia do desenvolvimento econômico de uma minoria que ultrapassa o limite de soberania e descaso ambiental. Com fatos históricos passados no Rio de Janeiro do século XIX aos dias atuais do início do século XXI.

Palavras-chaves: Pintura; Comunidade; Socioambiental; Política; Conflito; Racismo; Necropolítica; Gentrificação.

SUMÁRIO

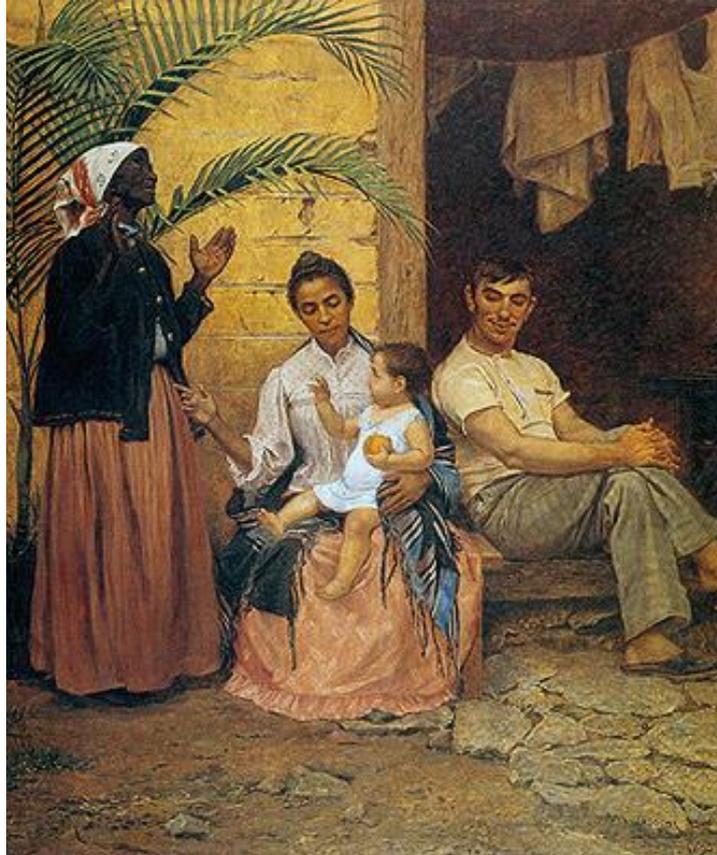
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 RACISMO AMBIENTAL.....	11
3 COMUNIDADES TRADICIONAIS	13
4 INJUSTIÇA AMBIENTAL NO MEIO URBANO.....	37
5 GENTRIFICAÇÃO.....	39
6 GUERRA ÀS DROGAS POLÍTICA DE EXTERMÍNIO E ENCARCERAMENTO..	40
7 CONCLUSÃO.....	49
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1. Introdução

Natural do Rio de Janeiro, cresci sempre refletindo e vivenciando as discriminações etnico-raciais, atraído pela pichação e arte urbana em geral passei a grafitar e me envolver diretamente com o movimento hip hop, onde fui estimulado a me aprofundar em assuntos sociais e artísticos. Ao ingressar na Escola de Belas Artes não me interessei pela arte clássica, renascentista e outros movimentos que exigiam de simetria e passagem tonal. Mais à frente tendo que escolher dois movimentos artísticos como referência optei pelo fauvismo, por me dar mais liberdade de criação, com a simplificação das formas das figuras e o emprego das cores puras, sendo Henri Matisse meu pintor âncora e Diego Rivera do muralismo mexicano como pintor suporte, principalmente pelo uso da linguagem direta com conteúdo cultural, social e histórico. Fazendo essa conexão entre os dois movimentos uso a cor pura e a linguagem direta, chegando próximo ao sonho de Matisse de uma arte equilibrada, pura e tranquila, mas com um espírito revolucionário do muralismo mexicano de Diego Rivera. Assim, com uma harmonia radical as pinturas oscilam da comunhão ao conflito, envolvendo agroecologia, racismo ambiental e intervenção do Estado. Com fatos ocorridos no Rio de Janeiro do século XIX ao presente do século XXI.

Em meados do século XIX em pleno centro da cidade do Rio de Janeiro, eram comuns epidemias e surtos de doenças em decorrência das péssimas condições sanitárias. Levava-se em conta que aglomerações de pessoas em habitações coletivas, como os cortiços, pioraram o quadro de saúde pública, devido às péssimas condições de higiene desses locais e a falta de coleta de esgoto. Os habitantes das moradias eram homens e mulheres pobres, alforriados e escravizados. A solução para diminuição e até mesmo o fim dos surtos e epidemias de doenças, seria a limpeza com mais frequência desses ambientes e novas e melhores construções de habitações para a população mais pobre da cidade. Porém a medida tomada era o envio de polícia para controlar os acessos, identificar estrangeiros irregulares, averiguar pessoas “suspeitas” e manter controlado o que a burguesia classificava como “classe perigosa da sociedade”. Em pouco tempo toda população pobre e preta foi expulsa do centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo empurrada para os morros e lugares mais distantes. Um processo pensado e adotado como higienismo urbano. Com o término do trabalho escravo, pessoas antes escravizadas foram largadas a esmo sem reparação e sem direito algum. Mas o governo passou a incentivar a vinda de imigrantes europeus como mão de obra livre, com garantias e salário, uma imigração intensa de italianos, alemães e espanhóis. Sendo conhecida como política de branqueamento, se pretendia atingir uma higienização cultural e moral, chegando a promover uma miscigenação forçada. O Projeto envolvia eugeniação e higienização como política pública, visando clarear os centros urbanos e estimulando a mestiçagem das raças, acreditando que em algumas gerações se teria uma população branca ou quase branca.

O artista Modesto Brocos (1852 - 1936) pintou a tela *A Redenção de Cam*, a pintura recebeu medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes em 1895, com retratação bem explícita do processo de embranquecimento da população brasileira que era defendido como processo de civilização da população brasileira.



Modesto Brocos. A redenção de Cam 1895. Óleo sobre tela 199 x 166 cm.

“O dever de um artista pelo menos com a minha preocupação é o de refletir os tempos. Eu acho que é verdade para pintores, escultores, poetas, músico, no que diz a respeito, é a escolha deles, mas eu escolhi refletir os tempos e as situações nas quais eu me encontro, pra mim é o meu dever e neste tempo crucial em nossas vidas quando tudo é tão desesperador, quando todo dia é uma questão de sobrevivência eu acho que é impossível você não se envolver, jovens, pretos e brancos sabem disso. É por isso que estão tão envolvidos com a política. Nós vamos modelar e dar forma a este país ou ele não será nem modelado nem receberá forma alguma. Então acho que não há escolha, como você pode ser um artista e não refletir os tempos? Essa pra mim é a definição de um artista.”

(Nina Simone em entrevista na década de 70)

O processo de civilização da população brasileira e as ações racistas continuam por dinâmica própria com a falta de política ambiental e combinando a estratégica negação de educação e saúde a todo povo originário e pobre que sucedeu os

escravos, sacrificando culturas em nome do lucro, concentração de terras e acúmulo de riquezas, exercendo poder social e político que ditam quem pode viver e quem deve morrer. Deixando morrer pessoas que não são rentáveis, podendo considerar como necropolítica. As pessoas dos povos tradicionais e das comunidades rurais que não morrem, são empurradas para as zonas urbanas periféricas através de empresas privadas normalmente apoiadas pelo Estado. Os conflitos ambientais urbanos e rurais são direcionados sempre aos territórios com às populações de cor não branca, com menor poder econômico e sem representação política, uma injustiça que se trata de racismo ambiental.

2. Racismo Ambiental

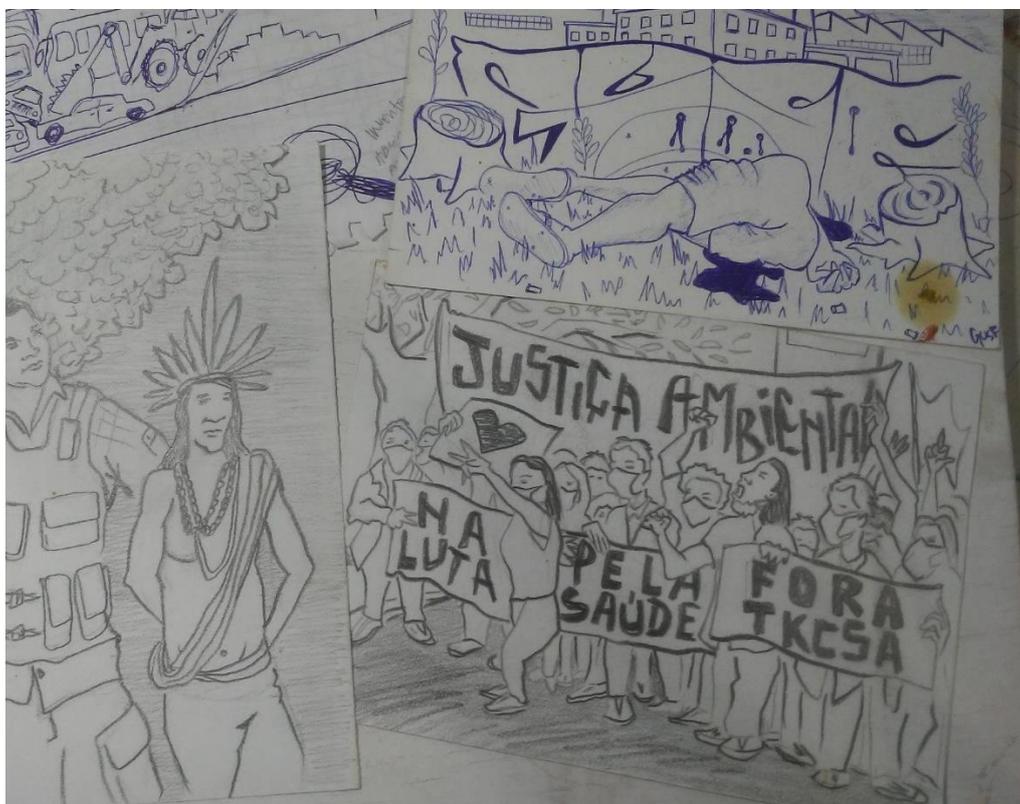
Políticas ambientais que prejudicam os grupos mais vulneráveis, com a população sendo tratada com menos valia a partir do lugar onde se nasce, com um ar pior, água pior, saneamento pior e sem investimentos ambientais. Populações “pobres”, indígenas, caiçaras, quilombolas e outros grupos étnicos excluídos da participação política e com desvantagem econômica, acabam tendo seu modo de vida alterado dentro de seu próprio território, por conta de um modelo de desenvolvimento dominante que chega causando degradação ambiental e contaminação dos recursos naturais que as comunidades dependem para sobreviver. Nos últimos anos vem crescendo a quantidade de imprudências e gravidades de conflitos ambientais em todo mundo, gerados principalmente pela exportação de commodities que são bens de consumo mundial, logo as populações que perdem sua saúde e sustento se mobilizam e protestam.



Março de 2011 – Em protesto, moradores de redondezas da siderúrgica TKCSA em Santa Cruz denunciam problemas de saúde. Foto: Fiocruz.

“Como consequência dos conflitos socioambientais provocados pela racionalidade econômica dominante e pela centralização do poder, novos atores sociais têm vindo à cena política fazendo novas reivindicações de melhoria da qualidade do ambiente e da qualidade de vida, como também de espaços de autonomia cultural e autogestão produtiva. O movimento ambiental incorpora novas reivindicações às demandas tradicionais pelos direitos humanos e pela justiça social, assim como para satisfazer as necessidades básicas e as aspirações de desenvolvimento material e cultural da sociedade, contribuindo para gerar uma cultura política mais plural e para dar sentido aos processos de governabilidade democrática” (ENRIQUE LEFF, 2001, p. 62)

Tendo a imagem anterior como referência, foi feito um estudo linear e retratei pictoricamente a mobilização popular. Após um estudo linear, a pintura foi iniciada utilizando como suporte um compensado naval de 10mm com medida de 80x60cm, primeiramente foi dado uma base com tinta acrílica e em seguida a pintura com tinta óleo usando somente pincéis de cerda.



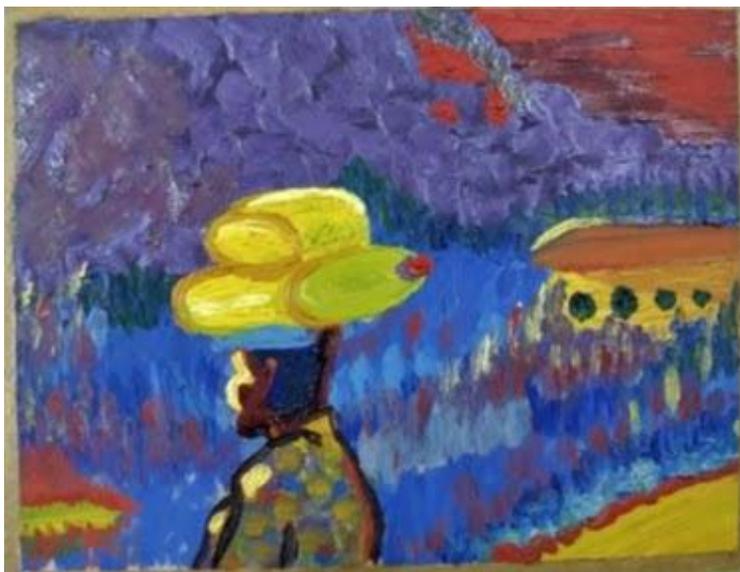


Daniel Gusf. Manifesto Justiça Ambiental 2019. Óleo sobre madeira 60 x 80 cm.

3. Comunidades Tradicionais

Grupos diferenciados culturalmente e com maneira própria de organização social, cultural, ancestral e econômica. Mesmo reconhecidos pelo valor histórico e cultural, indígenas, quilombolas e caiçaras são os que mais sofrem com injustiças ambientais, sendo os indígenas denominados como povo originário os mais vulneráveis e que estão na maior parte dos conflitos de injustiças e racismo ambiental.

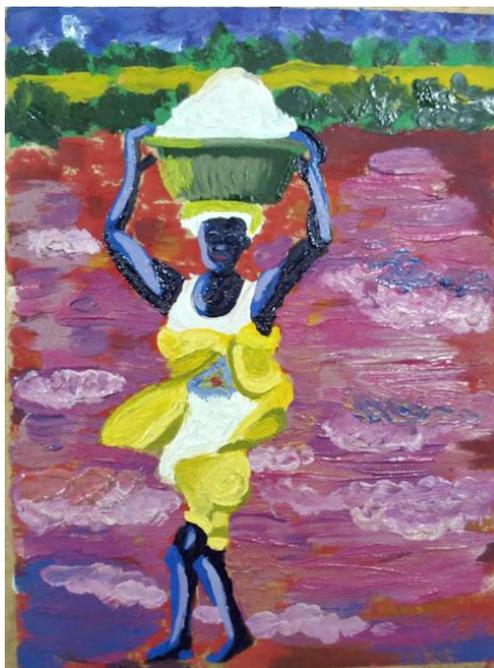
Nas próximas pinturas demonstro os povos tradicionais e de zonas rurais em situações que variam da harmonia ao conflito, interpretando alguns de seus saberes ancestrais, ecológicos, culturais e a resistência para preservar o território.



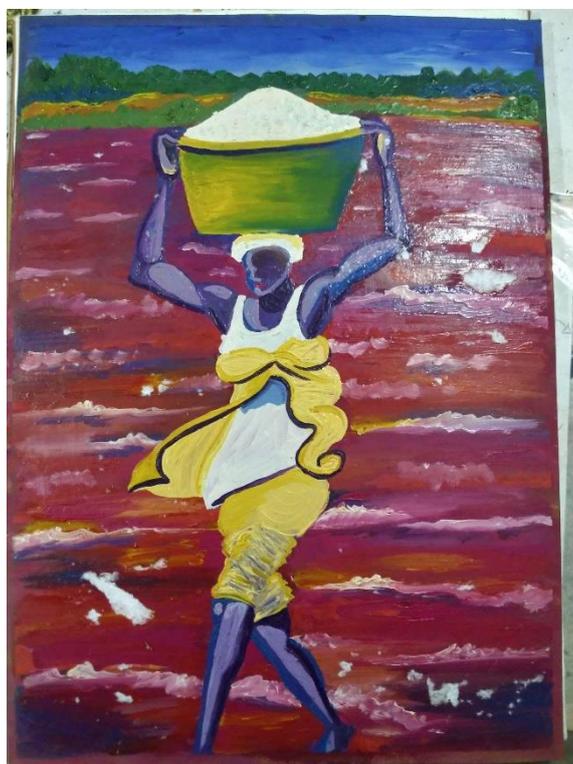
Daniel Gusf. Estudo Comunidades Tradicionais 2014. Óleo sobre papel craft 300g tamanho A5.



Daniel Gusf. Estudo Comunidades Tradicionais 2014. Óleo sobre papel craft 300g 30 x 42 cm.



Daniel Gusf. Estudo Comunidades Tradicionais 2014. Óleo sobre papel craft 300g tamanho A5.



Daniel Gusf. Estudo Comunidades Tradicionais 2014. Óleo sobre papel craft 300g 42 x 30 cm.

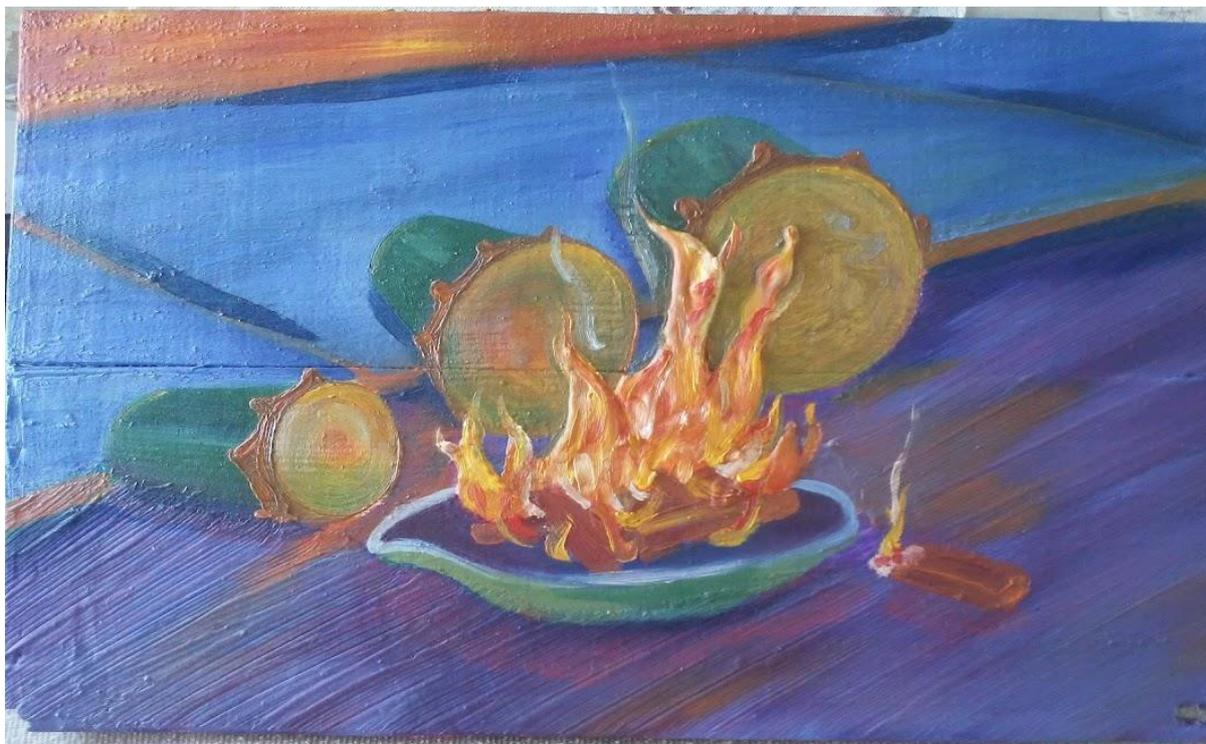
Os estudos utilizando a técnica fauvista retratam a vivência das comunidades tradicionais, fazendo uso das cores primárias, secundárias e complementares, tendo como referência Henri Matisse.



Daniel Gusf. Caxambu 2018. Óleo sobre lona 40 x 40 cm.

Caxambu, também conhecido como corimá ou jongo. Manifestação cultural afro-brasileira, tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, especialmente Bantu. Se estabeleceu entre os escravizados que trabalhavam em lavouras de cana de açúcar e café localizadas no sudeste brasileiro. É uma referência de identidade e resistência cultural para diversas comunidades, principalmente quilombolas. A pintura foi executada com tinta óleo utilizando pincéis de cerda e técnica fauve, suporte de lona crua forrada em um chassi para serigrafia com medida de 40x40 cm.





Daniel Gusf. Esticando o Couro 2019. Massa e tinta acrílica sobre ripa de caixote 27,5 X 45,5 cm.

Os povos tradicionais possuem a cultura do tambor que está presente em quase todos os ritmos e religiões. Buscando melhor afinação do instrumento os tambores são expostos ao redor da fogueira. O couro animal se dilata e afrouxa quando exposto à umidade e, se retrai e estica quando exposto ao calor. Buscando retratar este momento da cultura do tambor, utilizei três ripas largas de caixote de madeira, usado para transportar tomate, alinhei duas ripas paralelamente e a terceira ripa fixei na parte de trás com prego e cola branca para fazer a emenda. Após a secagem da cola passei massa acrílica de maneira uniforme em todo o suporte, esbocei o desenho direto no suporte e novamente vim com a massa acrílica criando as texturas pra só depois vir com o pincel de cerdas aplicando a tinta acrílica.



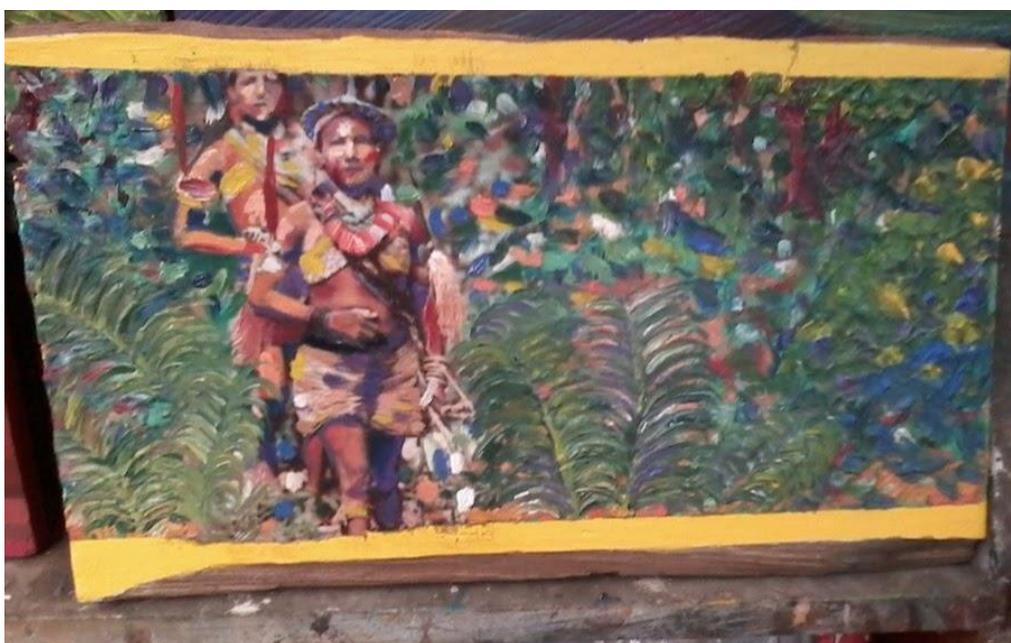
Daniel Gusf. Omulu 2020. Acrílico sobre papel vergê 200g Tamanho A4.

Os quilombos têm vários matizes religiosas e a predominante é o candomblé, até hoje sofre com preconceitos e perseguições por ser de origem africana. A religião cultua os orixás, que são divindades vinculados à natureza. Entre os diversos orixás se tem o Omulu, importante orixá relacionado aos poderes da cura e doenças. Para este trabalho foi usado como suporte um papel vergê 200 gramas tamanho A4, tinta acrílica e pincéis de pelo. Fazendo uso apenas das cores primárias e a partir delas formando as secundárias.



Daniel Gusf. Plantio Agroecológico 2019. Massa e tinta acrílica s/ madeira ripa de caixote 28 x 51 cm.

O plantio agroecológico não é mecanizado, não faz uso de fertilizantes químicos nem pesticidas. O plantio é direto e feito com recursos naturais. Nesta obra foram utilizadas paralelamente três ripas de caixote de feira e fixado com dois sarrafos usando cola e pregos na parte posterior, logo foi dada uma base com tinta acrílica, em seguida feito um leve esboço com lápis sangria e só então foi aplicada a massa e a tinta acrílica. Para o céu a tinta foi aplicada com pincel de pelo, buscando fazer um degradê sem ranhuras, todo restante foi pintado com pincéis de cerda.



Daniel Gusf. Índigenas Povo Originário 2019. Técnica mista sobre madeira 14 x 30 cm.

As populações que descendem os primeiros residentes de determinada área geográfica são consideradas povos originários, habitantes de uma localidade desde antes de sua colonização. Para obra "*Índigenas Povo Originário*" foi utilizado como suporte um pedaço de tábua de cedro que era resto de obra e possui medida de 30 x 14 cm, recorte de revista na colagem, cola branca, fita crepe, massa acrílica, tinta acrílica, tinta óleo, espátula, pincéis de cerda e pincéis de pelo.



Daniel Gusf. Arquitetura Indígena 2019. Acrílico sobre madeira 19 x 28 cm.

Na arquitetura indígena se faz o uso de materiais e conhecimentos locais. Utiliza-se madeiras para colunas e vigas, sendo tudo conectado por sistema de encaixes e amarrado com cipós e fibras. A cobertura é feita com palha e folha de palmeiras. Para esta pintura foi utilizado como suporte um pedaço de tábua de pinus usado em caixote de feira, que possui a medida de 19 x 28 cm, pintado com pincéis de cerda fazendo o uso das cores complementares.



Daniel Gusf. Comunidade Caiçara 2021. Técnica mista sobre madeira 10 x 28 cm.

“Os caiçaras são uma mistura de povos indígenas já extintos, europeus de diversos países e negros, principalmente quilombolas que após processos de ocupação do interior e aos diversos ciclos econômicos do Brasil colonial, ficaram relativamente isolados nessa estreita faixa de terra entre o mar e a serra, que se estende do sul do Paraná até o centro do Rio de Janeiro”, explica Antônio Carlos Diegues, fundador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da Universidade Estadual de São Paulo (Nupaub/USP).

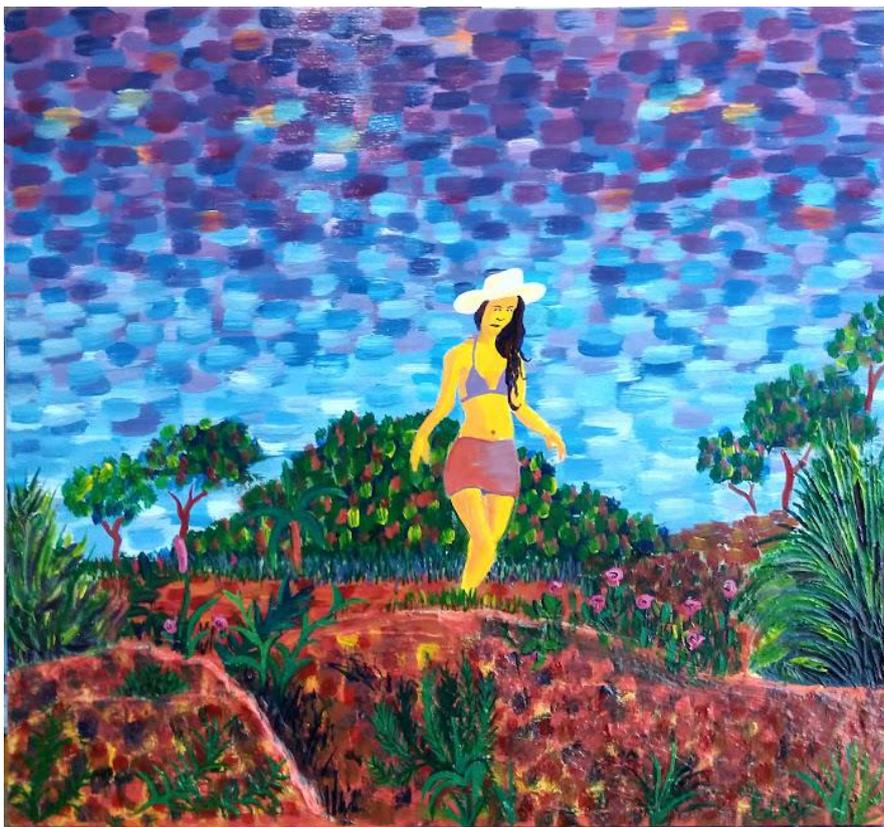
Para a obra “*comunidade caiçara*”, foi utilizado como suporte um pedaço de tábua de cedro que seria sobra de obra, após dar uma base com tinta acrílica foi feita uma colagem com recorte de revista e em seguida a pintura com tinta acrílica fazendo uso apenas das cores azul, branco e amarelo.



Daniel Gusf. Taipa de sopapo 2019. Acrílica sobre madeira 20,5 x 27,5 cm.

Taipa de sopapo, conhecido também como pau a pique ou taipa de mão. Método muito utilizado até hoje nas construções quilombolas e caiçaras. Após o entrelaçamento de madeiras que são fixadas verticalmente no solo, faz-se uma mistura com barro ou terra argilosa e palhas, materiais geralmente retirados da mesma localidade da construção, se pisoteia a mistura até chegar no ponto ideal e em seguida com as mãos se faz o preenchimento das madeiras entrelaçadas fechando a parede. O quadro está representando um dos processos que é o pisoteamento do material e para isso foi utilizado como suporte um pedaço de tábua de pinus usado em caixote de feira, que possui a medida de 20,5 x 27,5 cm, pintado com pincéis de cerda e fazendo o uso das cores complementares.

As populações tradicionais contribuem para o meio ambiente, conhecimento sobre a terra, plantio, plantas medicinais e tantos outros assuntos que cruzam a agroecologia estão relacionados diretamente com os indígenas, os povos de matriz africana, comunidades rurais e outros povos tradicionais que carregam uma vivência, saberes e conhecimentos complexos sobre o meio ambiente, sem esses não existe produção científica nem acadêmica. Devemos reconhecer as comunidades tradicionais não apenas em patrimônios culturais, mas também em sua relação com a natureza, a prática com o manejo dos polinizadores são fundamentais para o meio ambiente e toda relação de diversidade biocultural.



Daniel Gusf. Passeio agroecológico 2020 - Técnica mista sobre madeira 40 x 43 cm.



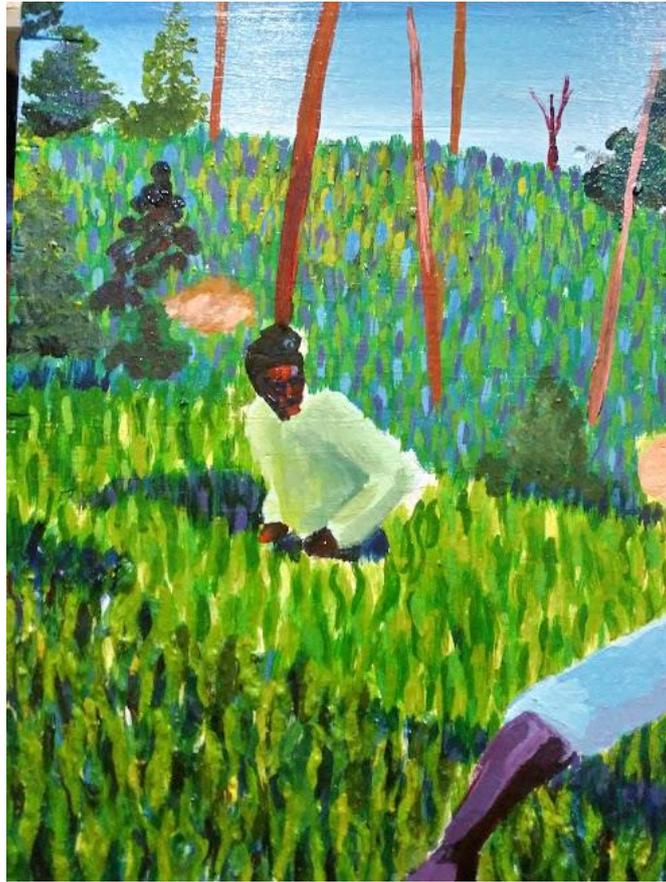
Daniel Gusf. O polinizador 2020. Técnica mista sobre madeira 40 x 43 cm.

Nas obras *Passeio agroecológico* e *O polinizador* foram utilizados como suporte um compensado de virola de 10mm na medida de 40 x 43 cm, após dar uma base com tinta acrílica branca foi feito um esboço do desenho diretamente no suporte e em seguida a textura com massa acrílica na parte inferior e em algumas vegetações, logo que a massa secou foi iniciado a pintura com tinta acrílica aplicada pincéis de cerda e pelo.

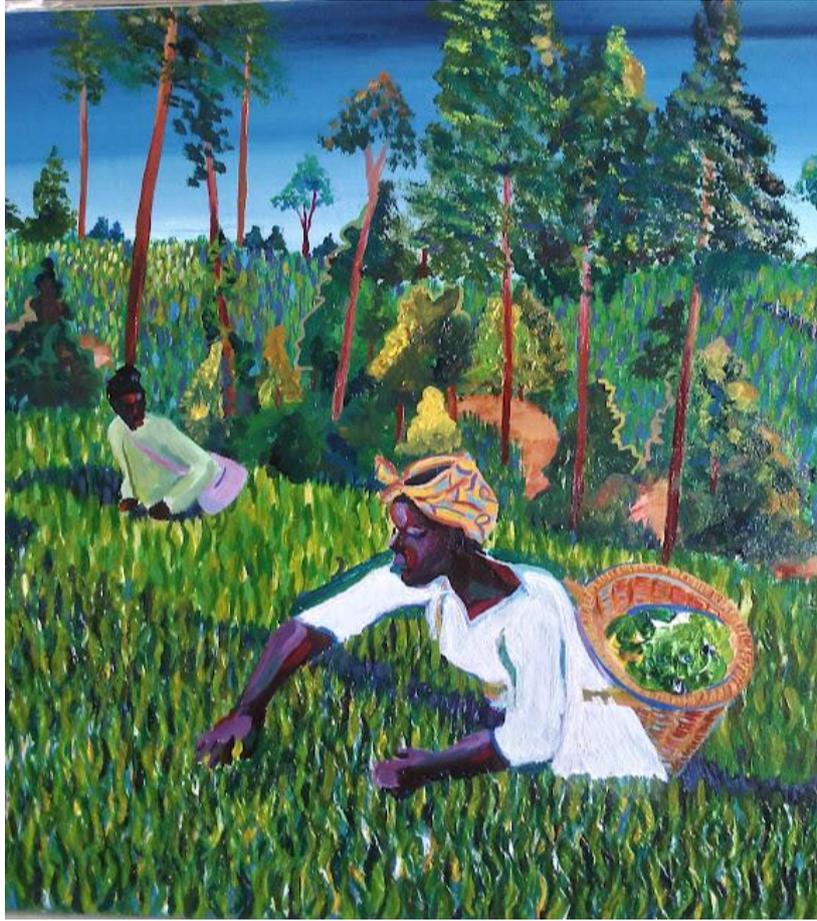
O sistema Agroflorestal é bem semelhante aos ecossistemas naturais, combinando árvores exóticas e nativas consorciadas com a cultura agrícola, mantendo o equilíbrio do solo e do ecossistema, conciliando a preservação ambiental com a produção de alimentos. Nas próximas imagens o andamento da obra *Colheita SAFs (Sistema Agroflorestal)*.







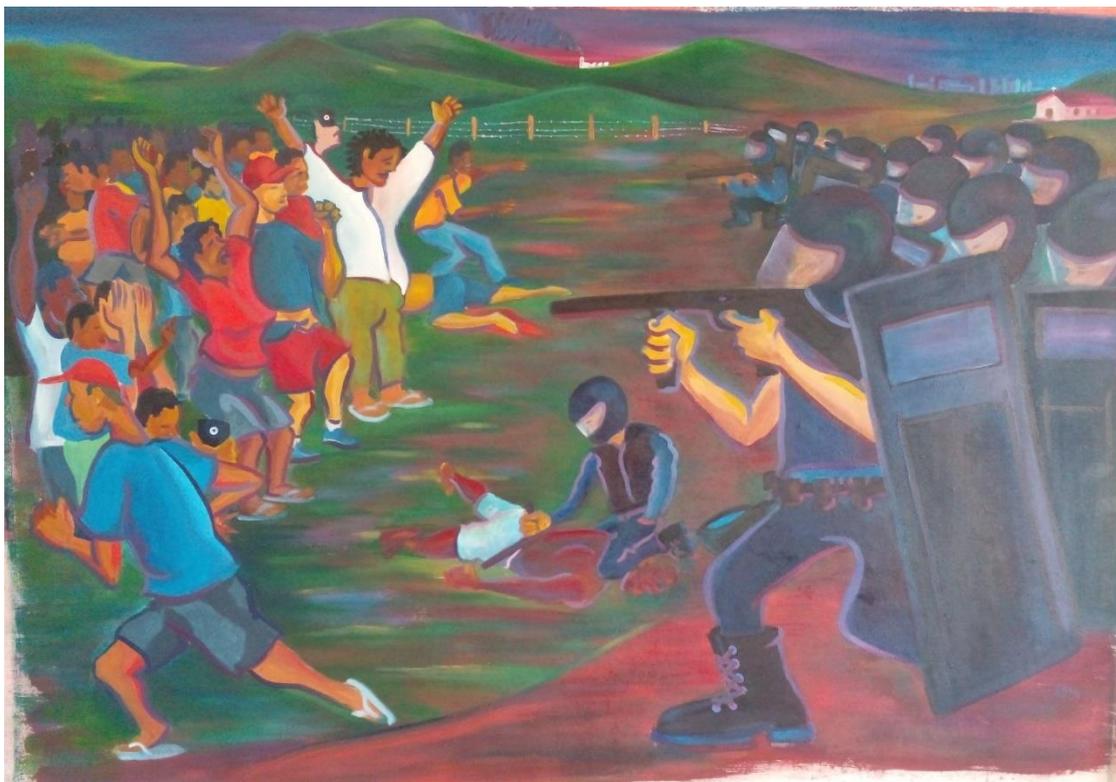






Daniel Gusf. Colheita SAFs 2021. Técnica mista sobre madeira 40 x 43 cm.

Muitas vezes acreditando em projetos que prometem emprego e desenvolvimento, as pessoas das comunidades acabam sendo utilizadas como mão de obra para o desmatamento e em seguida são descartadas. A produção das empresas se inicia de forma automatizada excluindo empregos e as comunidades logo se encontram sem seus recursos naturais sendo marginalizadas e empurradas para os locais mais distantes e desvalorizados. Boa parte das vezes são grosseiramente expulsos ou até mortos, com apoio do próprio Estado para implementação de usinas e indústrias. Ainda tem as milícias, jagunços e fazendeiros com interesse na exploração de minérios, expansão da monocultura agrícola e pecuária. Desenvolvimento significa consumismo, modelo que destrói o bem comum e expulsa pessoas do campo para a cidade, com apropriação dos bens comuns da natureza e da humanidade cometem a inversão do que é comum, conjunto fundamental de interesse humanitário reduzido e detido pelos interesses privados corporativos.



Daniel Gusf. Luta e direito ao território. 2022. Acrílica sobre lona crua 1,22 x 0,86 cm.

A pintura acima “*luta e direito ao território*”, teve como referência a pintura de Goya “*fuzilamento de 3 de maio*” pintado em 1814 e a releitura de Picasso “*Massacre na Coreia*” pintado em 1951. No lado direito o exército uniformizado e bem equipado, no lado esquerdo a população oprimida e desesperada, assim como demonstraram Goya e Picasso. É uma releitura que testemunha o momento atual do Brasil. Momento esse que perdura há séculos, onde, com o apoio do Estado, frequentemente acontecem “fuzilamentos e massacres”.

“A problemática ambiental converteu-se numa questão eminentemente política. Os conflitos socioambientais emergem de princípios éticos, direitos culturais e lutas pela apropriação da natureza que vão além da internalização dos custos ecológicos para assegurar um crescimento sustentado. As identidades culturais e os valores da natureza não podem ser contabilizados e regulados pelo sistema econômico. A pobreza, a degradação ambiental, a perda de valores e práticas culturais e a equidade transgeracional; a produtividade natural e a regeneração ecológica, a degradação entrópica de massa e energia, o risco e a incerteza – todas estas “externalidades” – constituem processos incomensuráveis que não podem ser reabsorvidos pela economia conferindo-lhes um padrão comum de medida através dos preços de mercado” (Kapp, 1983, tradução ENRIQUE LEFF, 2001, p. 45).



Daniel Gusf. *Racismo Ambiental*. 2018. Óleo sobre madeira. 80 x 100 cm.

Na obra *Racismo Ambiental*, o suporte utilizado foi um compensado de virola de 10 mm de espessura e 80 x 100 cm em que, após preparado o fundo com tinta acrílica, a pintura foi executada com pincéis de cerda e tinta óleo.

"Antigamente as grandes nações mandavam seus exércitos conquistar territórios e o nome disso era colonização. Hoje as grandes nações mandam suas multinacionais conquistar mercados e o nome disso é globalização" (Milton Santos; *O país distorcido*; 2002).



Daniel Gusf. Resistência Indígena 2019. Técnica mista sobre madeira. 39,5 x 60 cm.

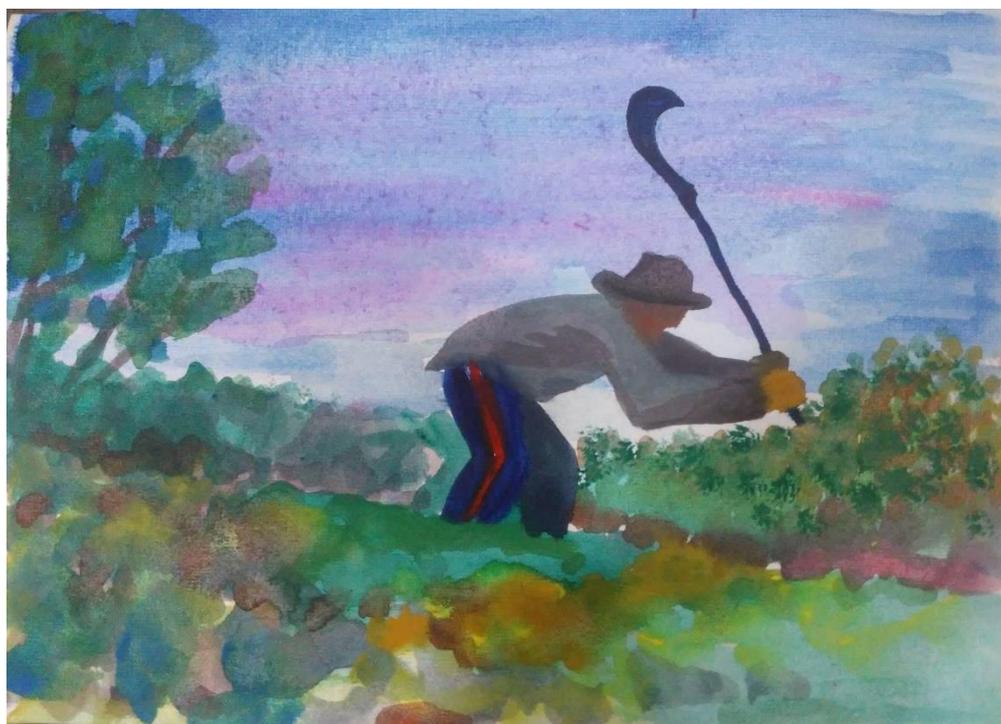
A pintura *Resistência Indígena* teve como referência a fotografia de Luiz Vasconcelos, Jornal A Crítica / Zuma Press. Instante que a polícia Militar do Estado expulsava as pessoas de uma faixa de terra “privada”. A obra teve como suporte compensado de virola de 10mm e 39,5 x 60 cm de comprimento, base com massa acrílica e pintura com tinta acrílica.

“A história das relações internacionais dos últimos três séculos é também uma história de desvalorização do saber dos outros. Com a globalização totalitária a que assistimos esse processo se acelera.” (Milton Santos; O país distorcido; 2002).

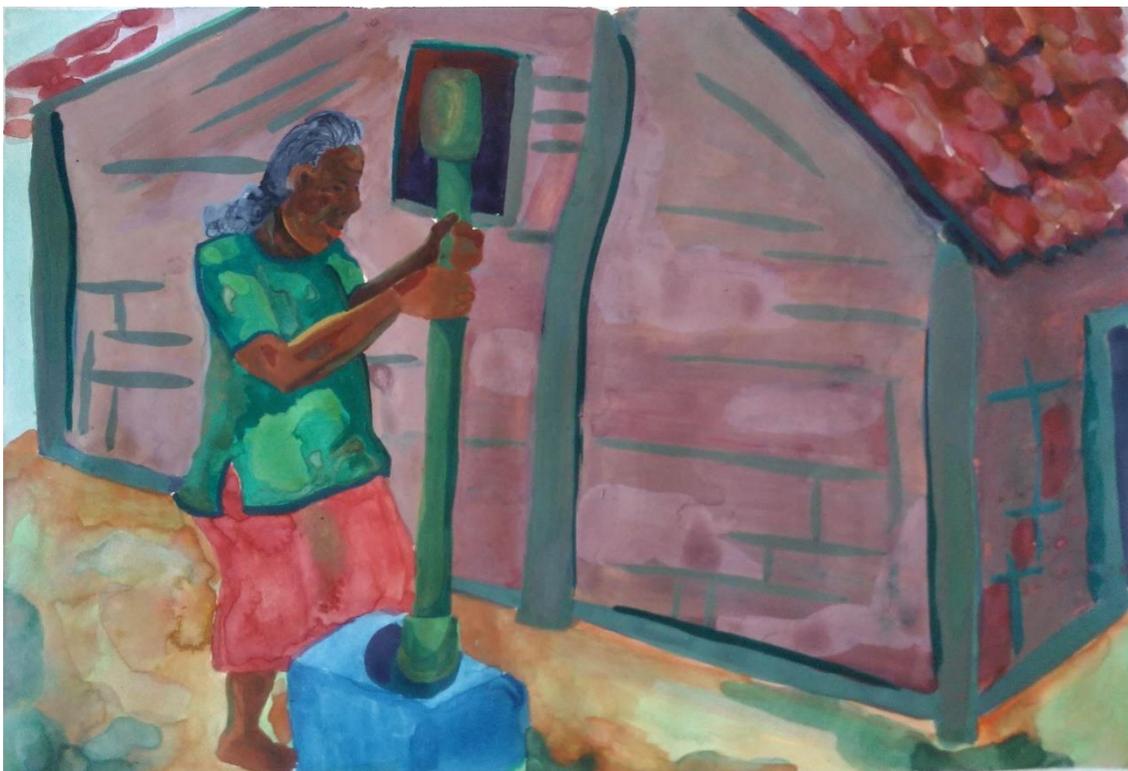
Durante aulas remotas do período 2020/2 curso Aquarela como poética / BAB 519, fiz alguns estudos em aquarela expondo a vivência do povo tradicional em harmonia com a natureza e mostrando como o racismo ambiental destrói a soberania alimentar com um processo de apropriação das terras e expulsão dos povos para áreas urbanas e periféricas.



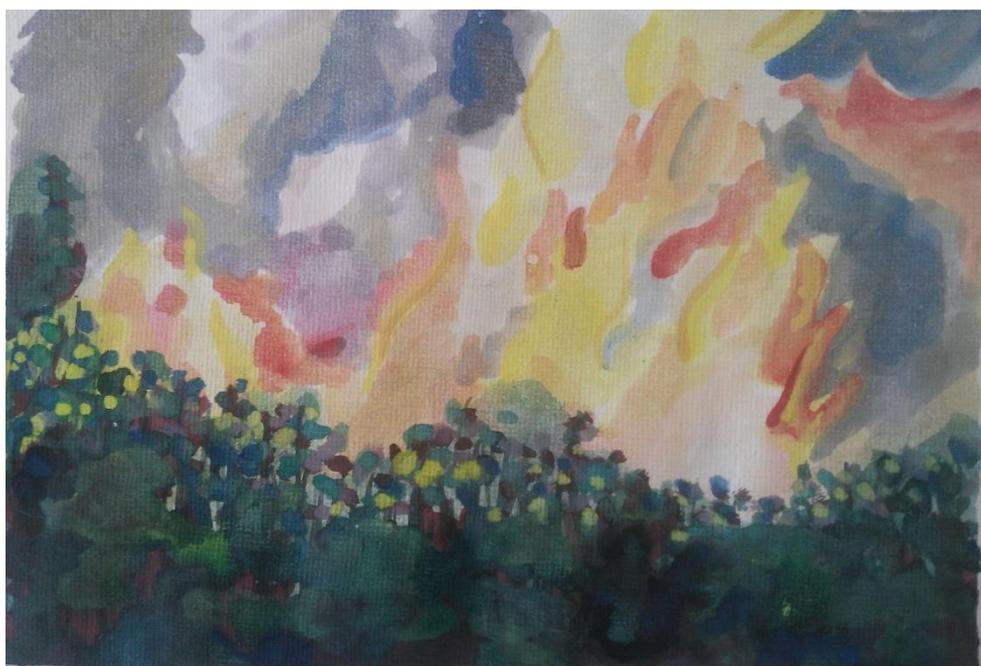
Pintura feita em papel A4 vergê 180g. Uso das cores primárias da tinta aquarela.



Pintura em papel A4 vergê 180g. Uso das cores primárias e secundárias da tinta aquarela.



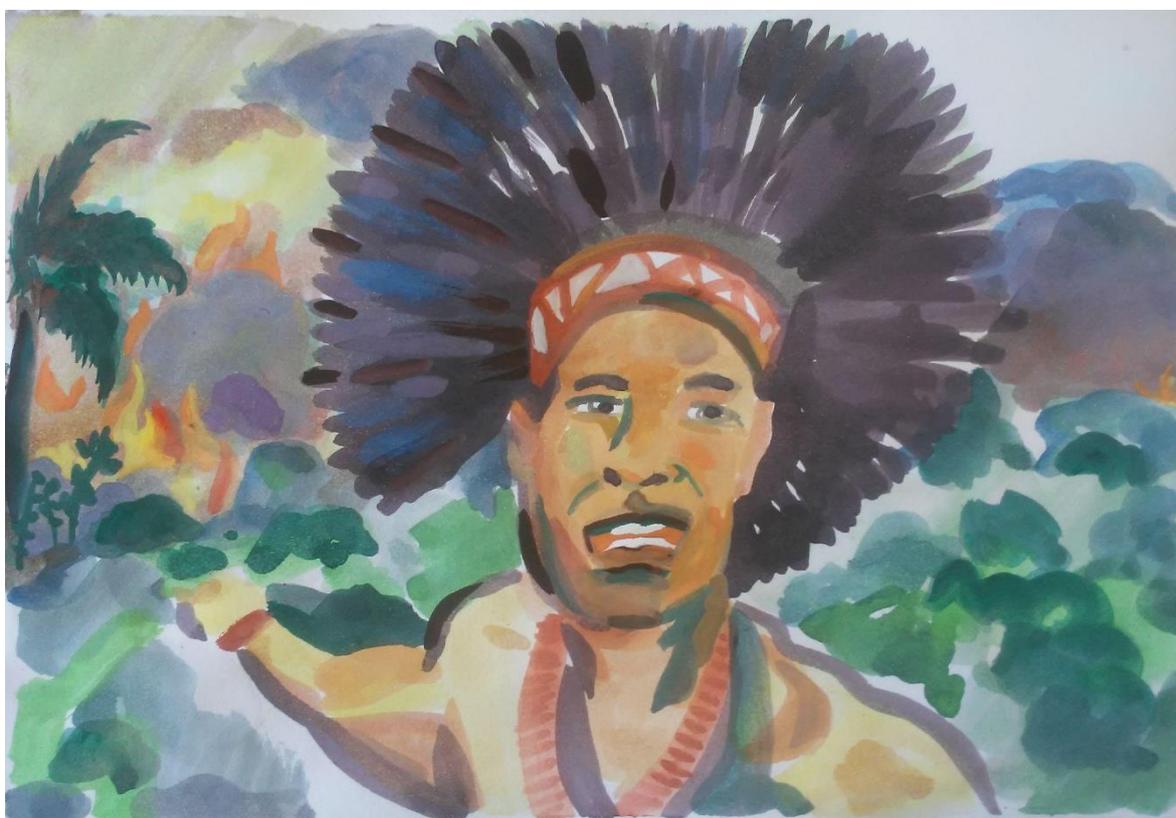
Pintura em papel A4 vergê 180g. Uso das cores complementares.



Pintura em papel vergê A5 180g. Uso das cores primárias e um cinza feito a partir das primárias.



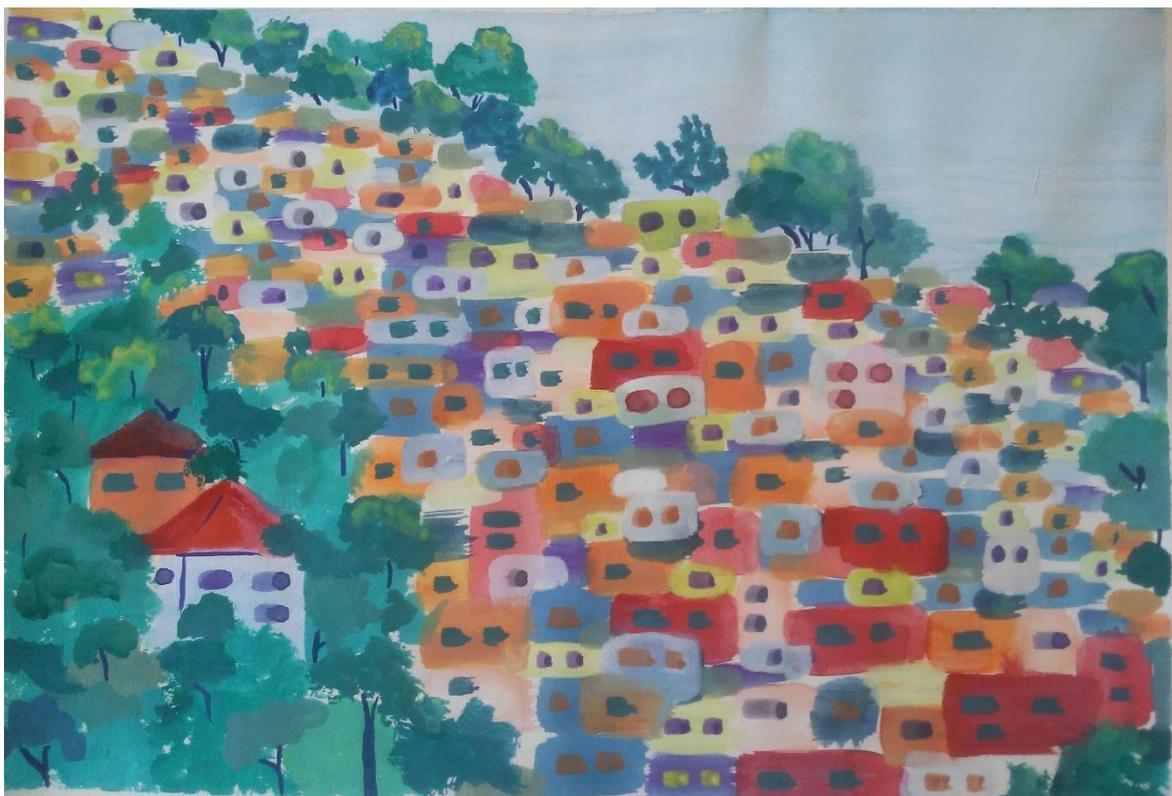
Pintura em papel vergê A5 180g. Uso das cores primárias e complementares, mais o siena.



Pintura em papel casca de ovo A4 200g. Uso das tintas primárias, secundárias e um preto feito a partir das primárias.



Pintura em papel A4 paraná cinza 500g. A base branca com guache e cores terciárias com aquarela.



Pintura em papel A4 vergê 180g utilizando aquarela com as cores primárias e secundárias misturadas a um guache branco trabalhando a opacidade.



Pintura em papel A4 canson 300g, tinta aquarela utilizando cor terciária feita a partir das primárias, preto de fábrica e cor primária em detalhes.

“As grandes migrações são aliás, uma resposta e representam, na maior parte dos casos, uma queda no valor individual: abandono não desejado da rede tradicional de relações longamente tecidas através de gerações; a entrada como perdedor em uma outra arena de competições cujas regras ainda tem de aprender; a ruptura cultural com todas as suas sequelas e todos os seus reflexos. A maior parte das pessoas não é, hoje, diretamente responsável por estar aqui e não ali, vítimas de migrações que podem ser qualificadas como forçadas. Os lugares todos se descaracterizam, os antigos cimentos e fidelidades se desfazem e as novas elaborações são forjadas sem autonomia e autenticidade.” (Milton Santos; O país distorcido; 2002).

4. Injustiça ambiental no meio urbano.

No espaço urbano também ocorre racismo ambiental, os atingidos geralmente estão nos piores lugares da cidade e frequentemente perdem oportunidade de emprego ao informar onde moram. O Estado prioriza investimentos ambientais em áreas mais nobres da cidade e a população mais pobre é obrigada a viver sem saneamento básico, próximo a aterros sanitários e empreendimentos industriais poluidores.



Daniel Gusf. Mobilidade e rejeitos. 2019. Óleo sobre lona crua. 150 X 100 cm.

Temos como exemplo a Baía de Sepetiba localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O bairro de Sepetiba teve sua fundação datada no dia 5 de julho de 1567 com a chegada dos índios Tamoios. Sepetiba foi rota de produtos e escravos, onde mesmo após a proibição com a lei Eusébio de Queiroz, o tráfico de pessoas para o trabalho escravo se manteve. Os remanescentes quilombolas ainda lutam por suas terras com a Marinha. O bairro de Sepetiba também foi utilizado pela Família Real no início do século XIX para o lazer da elite, porém houve desaparecimento de construções históricas e silenciamento da importância do bairro, não se faz menção e nem há resgate histórico do local.

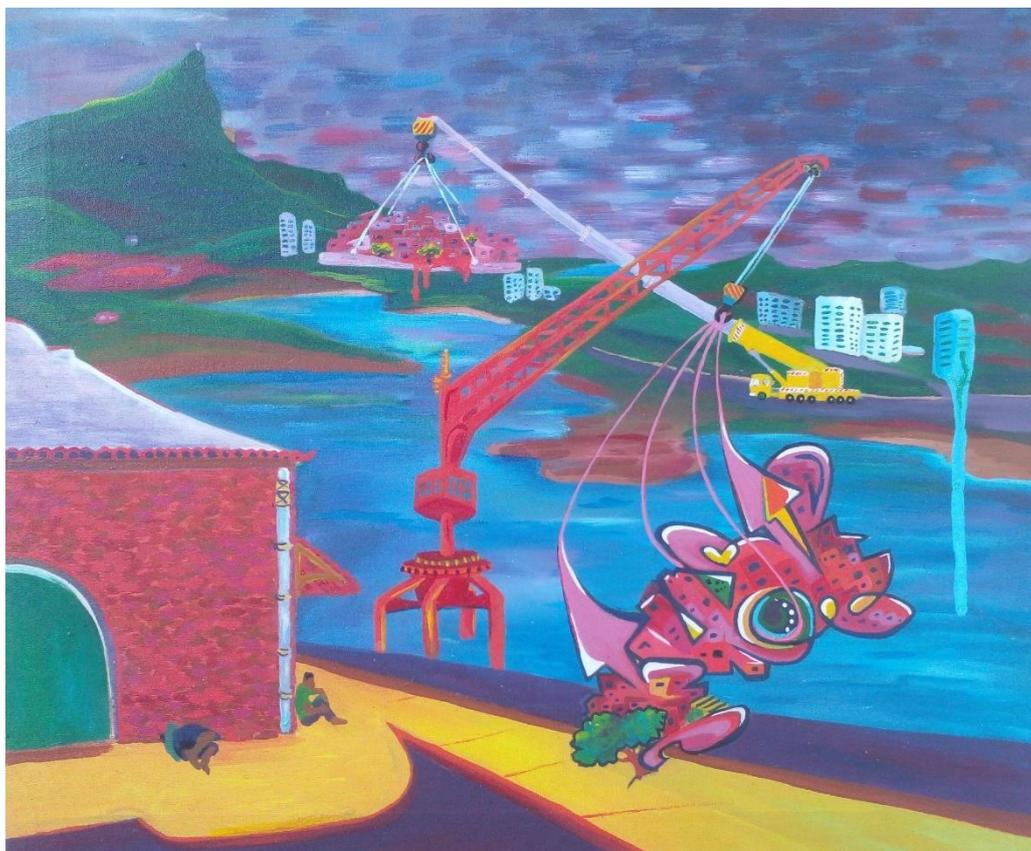
A Baía de Sepetiba também abrange o bairro de Santa Cruz, onde se iniciou a implantação da zona industrial. Com a crescente industrialização nos bairros e municípios vizinhos, frequentemente surgem denúncias ambientais de poluição do ar e dos recursos hídricos da Baía de Sepetiba, o que gera total degradação do ecossistema da região. Em 1982 a instalação do porto de Itaguaí afetou a região que se voltava apenas para atividades agrícolas, pesqueira e turística. Outro agravante foi o vazamento de água contaminada com metais pesados na mesma época, vindo do terreno da extinta Companhia Ingá Mercantil. Apenas em 2008 se iniciou a recuperação ambiental da área.

Atualmente o protagonista principal de toda poluição é a Thyssenkrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), responsável pelo aumento de 76% da

emissão de gases de efeito estufa no município do Rio de Janeiro, afetando o meio ambiente e a saúde da população na região. Sem licença ambiental a siderúrgica funciona com um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), adquirido com órgãos ambientais do Estado. A empresa fica em uma região com muita riqueza social e ambiental, afeta inclusive o turismo em regiões como Mangaratiba, Paraty e Angra dos Reis.

5. Gentrificação

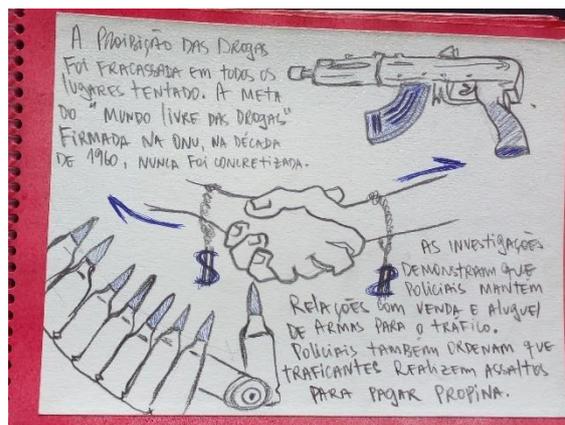
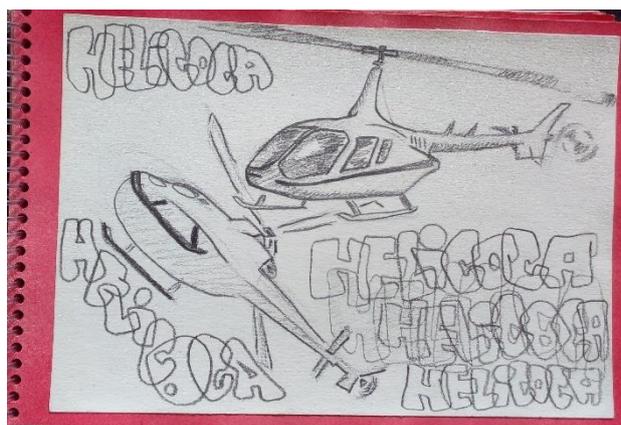
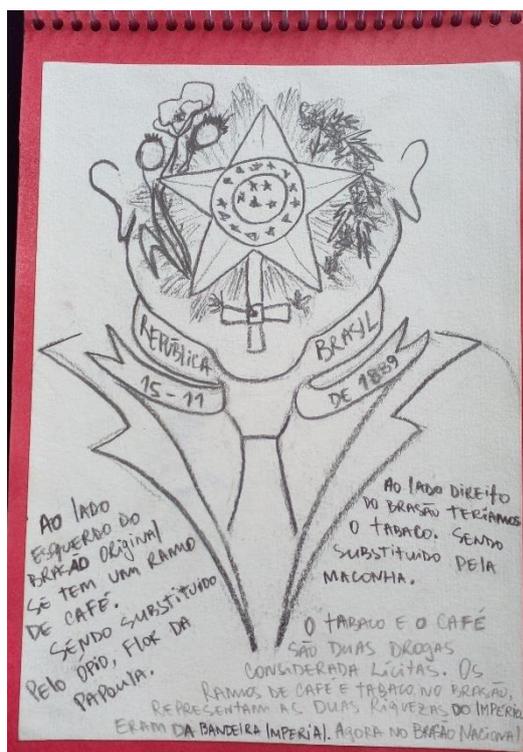
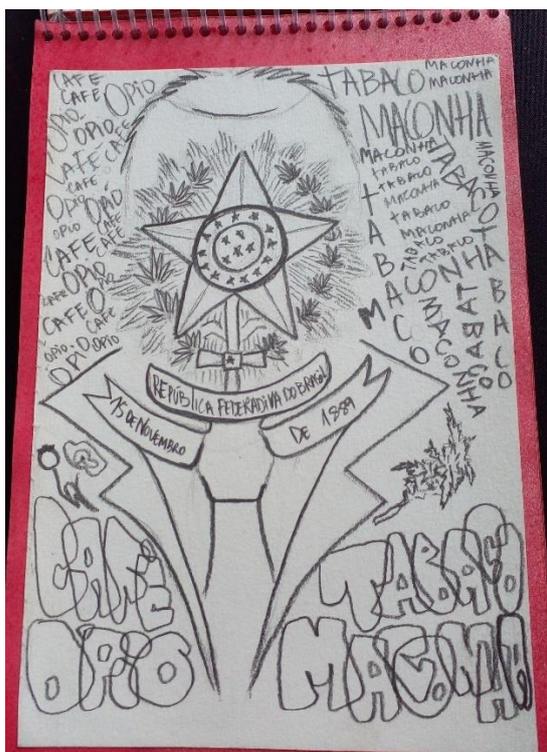
As práticas ofensivas com o meio ambiente e o total descaso com os grupos sociais geograficamente localizados, são motivados pela etnia e classe social. A população financeiramente mais pobre que se encontra em lugares valorizados são expulsos e direcionados a lugares mais distantes. Muitos passam também pelo processo de gentrificação, que é quando populações mais pobres e discriminadas se veem obrigadas a se retirar por conta de melhorias de infraestrutura e sua valorização, acompanhada de preconceitos, especulação imobiliária e a lógica de mercado que predomina e reproduz a desigualdade não construindo cidades inclusivas e democráticas.



Daniel Gusf. Remoção e Gentrificação 2022. Acrílica sobre lona crua 60 x 50 cm.

6. Guerra às drogas como política de extermínio e encarceramento

Famílias sem poder político e financeiro são expulsas das cidades e junto a imigrantes vão unindo forças, logo surgem diversos assentamentos urbanos, aglomerados com alta densidade e precariedades, comunidades conhecidas como favelas. Ainda hoje, mesmo com normas estabelecidas na constituição federal, alinhado a igualdade, a liberdade, a educação, a saúde, a propriedade, a segurança, a vida, o trabalho, assistência aos desamparados entre outros direitos, todos esses direitos constitucionais e fundamentais são recusados a população periférica. Além de toda rejeição de direitos, a periferia também passa a sofrer com o que o poder estatal chama de guerra às drogas. O Brasil adotou a mesma política antidrogas dos Estados Unidos feita no século passado, a maneira que se dá a política de drogas causa muitos mais danos a sociedade que o próprio consumo em si, uma política excludente com maior número de presos e mortos sempre associados a raça e interesses de mercado.





Após estudo em meu diário de pesquisa, elaborei uma pintura apontando o esquema lucrativo de empresários, agentes públicos e a corrupção das autoridades.



Daniel Gusf. O acordo 2018. Óleo sobre lona crua 60 x 80 cm.

Fazendo uma leitura de cima para baixo da pintura “O acordo”, na parte superior temos uma releitura do brasão que em seu original ao lado esquerdo da estrela é um

ramo de café e ao lado direito um ramo de tabaco, duas drogas consideradas lícitas, café e tabaco representam duas riquezas do período imperial, o brasão era da bandeira imperial e se tornou o brasão nacional. Na releitura o café foi substituído pelo ópio, flor da papoula. E o tabaco sendo substituído por “buds”, flor da maconha. O brasão esconde um rosto e suas faixas simulam terno e gravata indo de encontro ao senado federal que se encontra entre prédios e favelas. Ao lado do brasão temos helicópteros que frequentemente são usados para a “guerra às drogas”. O veículo tem muita facilidade no transporte das drogas com fiscalização quase inexistente e somente pessoas consideradas da “alta classe financeira” possuem o transporte. Frequentemente diversos casos são noticiados sobre a rota dos helicópteros, fazendas utilizadas para o pouso e o envolvimento de militares, governadores, senadores, juízes, desembargadores, entre outros diversos agentes públicos. No centro da pintura temos um aperto de mão simbolizando o acordo entre dois personagens nas pontas, representando a polícia e o traficante, investigações demonstram que policiais mantêm relações com venda e aluguel de armas para o tráfico e também ordenam que traficantes realizem assaltos para pagar propina. Entre os personagens tem dois cifrões, símbolo monetário, que formam um coração gradeado e marcado com tiros.

A periferia e as favelas são o maior alvo da guerra às drogas, sua população é de imensa maioria de pretos e pardos e dando continuidade ao genocídio do povo preto e originário, usam a guerra as drogas como política de extermínio e encarceramento desses povos, criminalizando a população e não as substâncias em si.

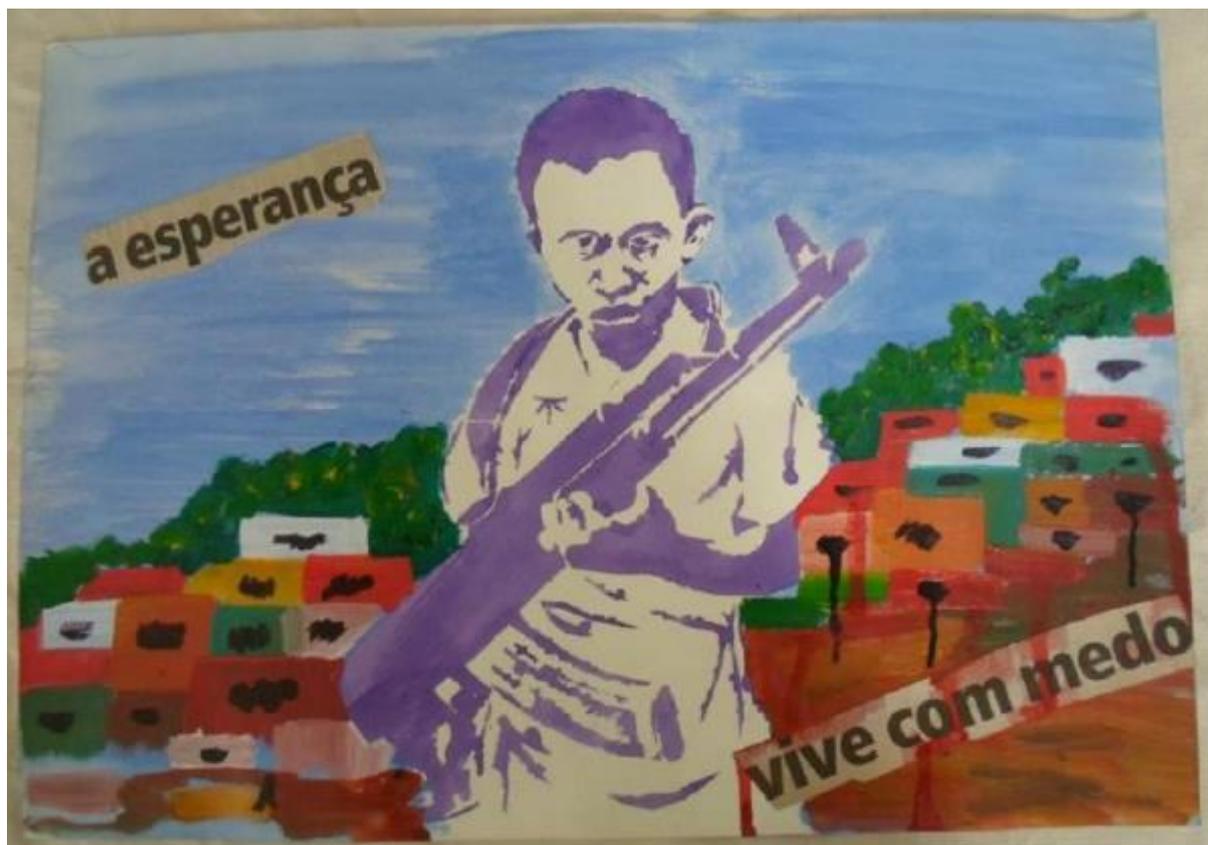


Daniel Gusf. Palmeando a favela 2014. Estudo de óleo sobre craft. tamanho A5.

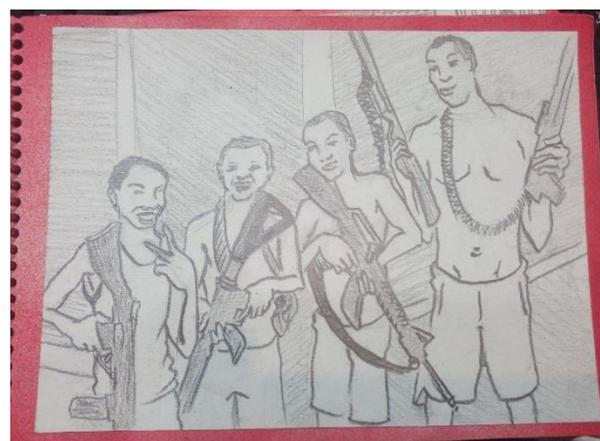


Daniel Gusf. Intervenção militar 2018. Óleo sobre madeira 60 x 80 cm.

Tendo a ausência do ensino fundamental, alta taxa de desemprego e instabilidade familiar, jovens sem instrução seduzidos pelo dinheiro e poder acabam prestando serviço para o tráfico. Com o descaso, abuso de autoridade e a guerra declarada, o tráfico de drogas se encontra mais violento e perigoso, jovens portam armas de uso exclusivo militar. Com armamentos possuindo maior poder de fogo, logo cometem outros crimes e ampliam os negócios também com venda e aluguel de armas.



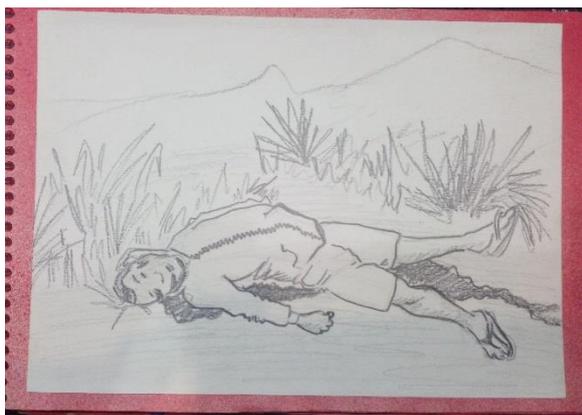
Daniel Gusf. A esperança vive com medo. 2014. Técnica mista sobre papel canson 200g A4.

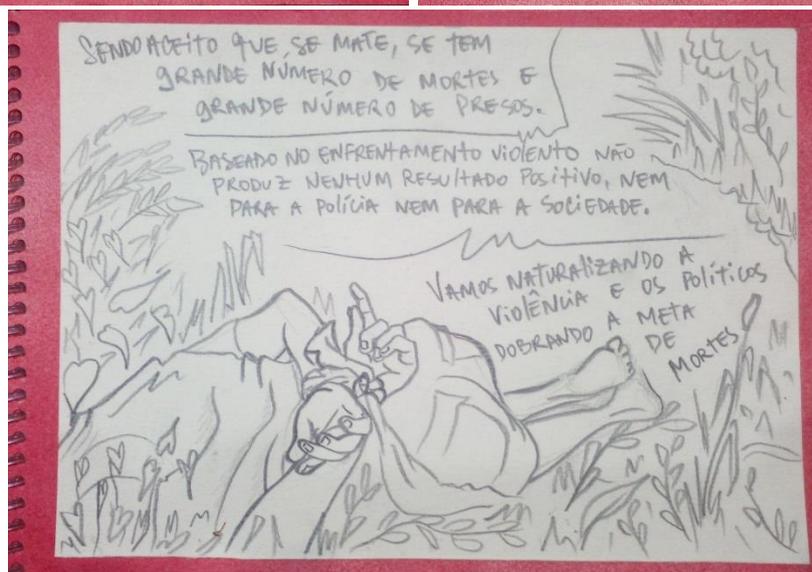
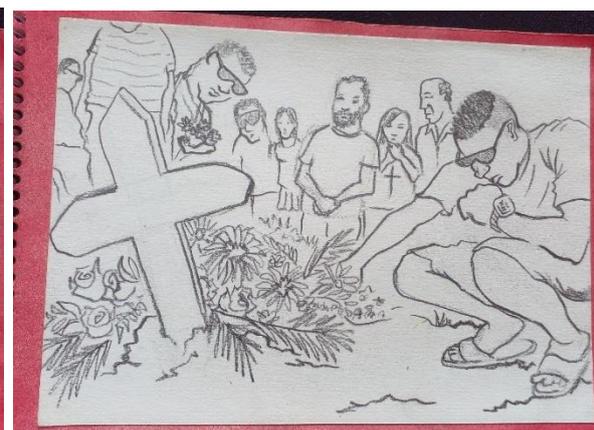
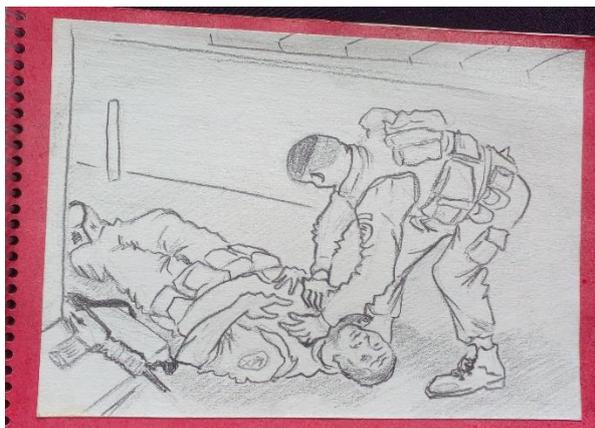




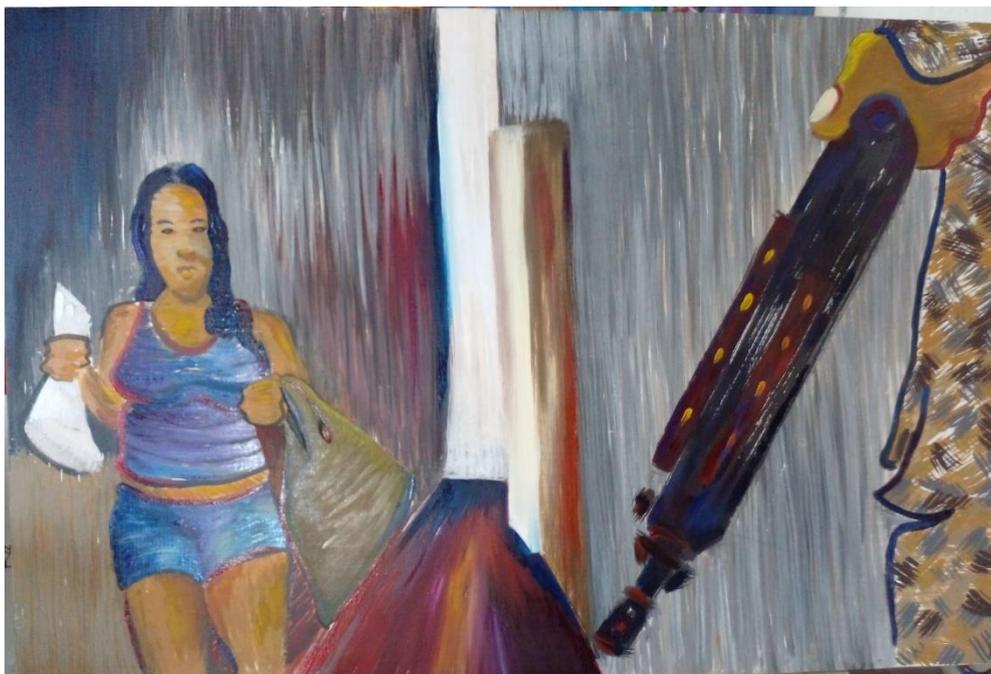
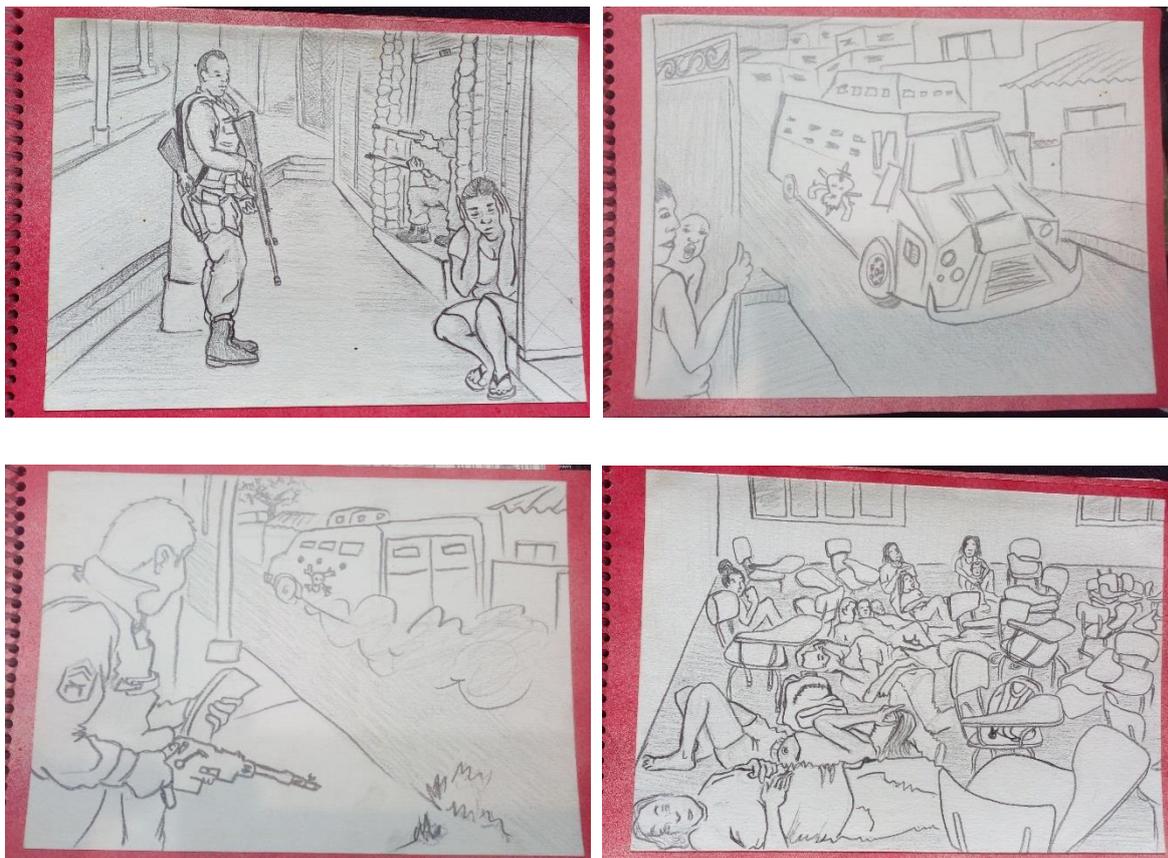
Daniel Gusf. Operário do tráfico 2018. Óleo sobre madeira 60 x 80 cm.

A insistência da guerra às drogas não é uma aposta equivocada de governantes, na linha de frente dessa guerra estão policiais, traficantes e inocentes que seguem morrendo e aumentando as estatísticas de letalidade de uma guerra insana que só resulta em genocídio e prisões em massa. Sendo aceito que se mate, se tem um grande número de mortes e grande número de presos, um enfrentamento violento que não produz nenhum resultado positivo, nem para a polícia nem para a sociedade. Vamos naturalizando a violência e os políticos aumentando o número de mortes.





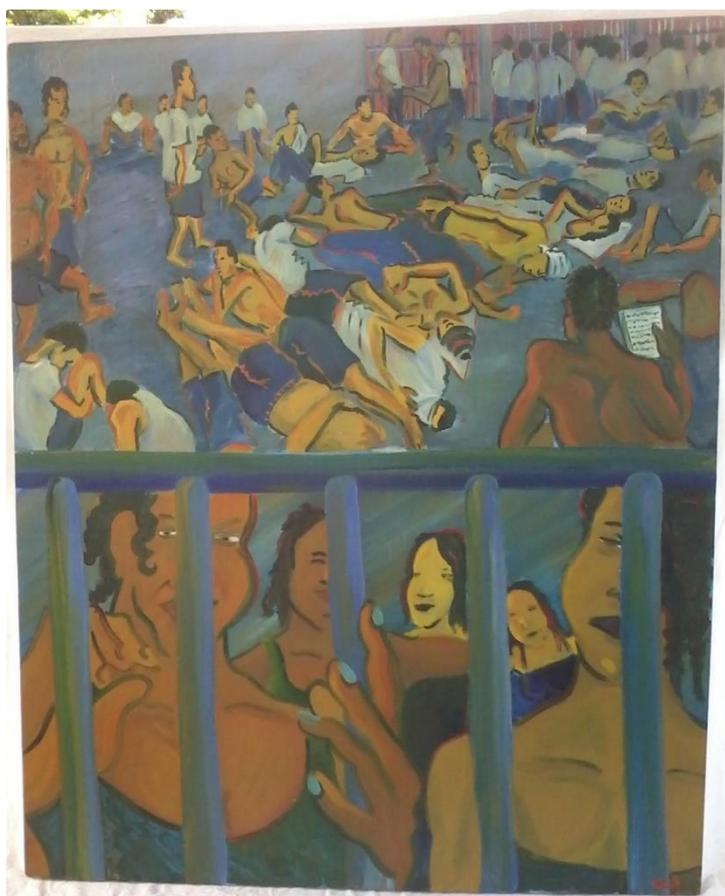
Essa guerra insana significa escolas fechadas, mudança de rotina, preocupação com familiares e pânico. Tendo como alvo principal a periferia e jovens negros, a guerra não é contra as drogas e sim contra as pessoas. A guerra às drogas é apenas um fundamento construído para a privação da liberdade usada para controlar e criminalizar.



Daniel Gusf. Controle 2022. Têmpera e Óleo sobre madeira 60 x 40 cm.

Pesquisas revelam que 62% dos usuários pertencem a classe “A”. Dentro da lógica do sistema de produtividade dos policiais, onde tem que bater metas de apreensões, resulta no fato de prenderem usuários como traficantes. As

penitenciárias se encontram com o triplo da capacidade e 95% dos detentos são homens. A população carcerária tem 70% de pessoas negras e 30% de brancos, amarelos e indígenas segundo a classificação do IBGE. Centralizando na prisão o eixo de combate às drogas, $\frac{1}{3}$ (um terço) da população carcerária masculina é por tráfico e $\frac{3}{4}$ (três quartos) da população carcerária feminina também por tráfico. Dos detentos, 37% estão presos sem julgamento ou condenação com decisões judiciais injustas. Com imensa maioria de presos por crimes não violentos e sim por consumo, transporte, cultivo e venda por pequena quantidade. Um regime de punição marcadamente racista, definido pela cor da pele e classe social.



Daniel Gusf. Encarcerados 2018. Óleo sobre madeira 80 x 100 cm.

7. Conclusão

O assunto abordado é bem real. A maioria dos conflitos se encontram na zona rural, mas a luta das favelas, ocupações e periferias é a mesma luta dos quilombos, povos indígenas e caiçaras. A luta por moradia, a resistência pelo reconhecimento para preservar o território e os saberes ancestrais. A euforia pelo desenvolvimento e lucro desenfreado, implica na destruição dos direitos das comunidades e do meio ambiente, sem solidariedade ignorando a diversidade e a natureza. As corporações transnacionais controlam de forma desigual toda produção, distribuição e venda de alimentos. Junto às indústrias farmacêutica, transgênica e grandes cadeias de supermercados, formam grandes impérios. A ganância e o preconceito geram expropriações, injustiça social e ambiental que recaem sobre as etnias mais vulneráveis, com exposição desproporcional a agentes poluentes e limitação a bens ambientais. Se destina maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento aos povos tradicionais e bairros operários. As pessoas vão migrando ou são empurradas para as cidades e outros locais sem acesso a alimento de qualidade, justamente os que produziam sua própria comida deixam de consumir alimentos e passam a consumir produtos do nutricídio com muito sódio, açúcar, gordura e agrotóxico.

Dentro da estrutura de expropriação surge a guetização, favelas e vilas operárias que vão se inserindo nos moldes de produção econômica, grupos sociais que vão se formando em indivíduos para corresponder a um certo modo de vida. Onde a ganância, o preconceito, o controle de território e o lucro formam a âncora principal constituída por instituições. Segregação construída com atenção jurídica e aparato estatal.

Dando continuidade ao processo de genocídio do povo preto e originário, as periferias passam a sofrer com a “guerra as drogas”. Com problemas interconectados e lógica econômica excludente, a população periférica são os que mais sofrem agressões, massacres e com prisões em massa, tendo como veículo principal a “guerra às drogas”. Alicerce que dá base para a privação da liberdade com uma política de extermínio e encarceramento que tem em sua grande maioria pessoas pretas e pardas. Especialistas afirmam que a problemática das drogas não deve ser tratada exclusivamente como caso de polícia e sim caso de saúde.

Devemos construir uma nova forma de viver, combinando e atualizando os saberes ancestrais, conhecimentos que forneçam sentido e dignidade à existência humana junto com as conquistas da ciência e tecnologia para que sirvam a humanidade e não destruir o planeta.

8. Referências Bibliográficas

ENRIQUE LEFF - Saber Ambiental - Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Editora: Vozes - Ano: 2001

GRAÇA PROENÇA - História da Arte - Editora: Ática - Ano: 2008

MILTON SANTOS - O País Distorcido - O Brasil, a globalização e a cidadania. Editora: Publifolha - Ano 2002

TATIANA LOTIERZO - Contornos do (in)visível: Racismo e estética na pintura brasileira (1850-1940) - Editora: Edusp – Ano: 2017

PERIÓDICOS

Agência Brasil - Exposição retrata degradação socioambiental da baía de sepetiba
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-07/exposicao-retrata-degradacaosocioambiental-da-baia-de-sepetiba>

Carta Capital - Território e Proibição: Guerra às drogas ou guerra aos pretos e pobres.

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/territorio-e-proibicao-guerra-as-drogas-ou-guerra-aos-pretos-e-pobres/>

Ciência hoje - Drogas: Caso de polícia ou saúde pública?

<https://cienciahoje.org.br/coluna/drogas-caso-de-policia-ou-de-saude/>

Com Ciência - Caiçaras, o tradicional povo do litoral brasileiro.

<https://www.comciencia.br/caicaras-o-tradicional-povo-do-litoral-brasileiro/>

Combate Racismo Ambiental - Mapa de conflitos e racismo Ambiental: Desafio para advogadas e os advogados populares.

<https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/mapa-de-conflitos-e-racismo-ambiental-desafios-para-as-advogadas-e-os-advogados-populares/>

El País - Guerra às drogas, uma ameaça aos direitos humanos que tem o Brasil como seu principal personagem.

<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-11-10/guerra-as-drogas-uma-ameaca-aos-direitos-humanos-que-tem-o-brasil-como-seu-principal-patrocinador.html>

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. INFORME ENSP - Por que os negros são a maioria no sistema prisional?

<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50418>

Estadão - Classe A é a maior consumidora de drogas, revela FGV

<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,classe-a-e-maior-consumidora-de-drogas-revela-fgv,69531>

Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS) - Relatório de violações de direitos humanos na siderurgia nacional: Caso TKCSA

<http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2017/06/210617-PACS-TKCSA-web-1.pdf>

Interfaces do Racismo: Racismo ambiental – Vídeo produzido pela assessoria de comunicação da defensoria pública da união.

<https://www.youtube.com/watch?v=3lxobCS1n-k>

O fio da meada - Um filme de Silvio Tendler; Roteiro e texto: Marcelo Firpo, Marina Fasanello, Silvio Tendler; Produção: Ana Rosa Tendler; Local: Brasil.

<https://www.youtube.com/watch?v=6Y8W0-v1FJ8>

O Rio de Janeiro . com

<https://www.oriodejaneiro.com/sepetiba/>

Povos - Território, identidade e tradição. Documentário revela papel da cartografia para defesa de territórios tradicionais de RJ e SP. Realização do Projeto Povos.

<https://www.youtube.com/watch?v=wp4rMHJzlqc>

Prepara Enem - Higienismo urbano e exclusão social no império

<https://www.preparaenem.com/historia-do-brasil/higienismo-urbano-exclusao-social-no-imperio.htm>

Sou mais carioca - Você já ouviu falar de sepetiba?

<https://soumaiscarioca.com.br/noticias/voce-ja-ouviu-falar-de-sepetiba.html>

TESES e DISSERTAÇÕES

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade
Conflitos Ambientais na Baía de Sepetiba: o caso dos pescadores artesanais frente
ao processo de implantação do complexo siderúrgico da Companhia Siderúrgica do
Atlântico - ThyssenKrupp CSA

Marina Barbosa Zborowski (UFRJ) Mestranda pelo Programa EICOS